

Ignácio de Loyola Brandão: alguns traços biográficos

Ignácio de Loyola Brandão, nascido em Araraquara, teve na figura de seu pai um grande incentivo para a leitura desde que foi alfabetizado. Fascinado por dicionários, chegou a trocar com seus colegas palavras por bolinhas de gude e figurinhas. Mais tarde, esse fato acabou se transformando no conto “O menino que vendia palavras”, primeiro conto a ser publicado pelo autor. O seu primeiro texto, em periódico, foi uma crítica sobre o filme *Rodolfo Valentino*, na **Folha Ferroviária**, em 1952. Em seguida, passa a escrever reportagens, críticas de cinema e entrevistas em outro diário de Araraquara, **O Imparcial**. Em 1956, muda-se para São Paulo e vai trabalhar no jornal **Última Hora**, tendo ali permanecido por nove anos. Aproxima-se do cinema e participa como figurante de *O Pagador de Promessas*, em 1961.

Em 1965, lança seu primeiro livro: **Depois do sol** (contos). No ano seguinte, começa a trabalhar na revista **Cláudia**. Em 1968, lança seu primeiro romance: **Bebel que a cidade comeu**. Entre 1965 e 1973, trabalha intensamente na escrita do futuro romance **Zero**, lançado em 1975. O romance propicia inúmeros encontros com seus leitores, em debates sobre a sua obra e a situação do país. Em julho de 1976, **Zero** recebe o prêmio de “Melhor Ficção” concedido pela Fundação Cultural do Distrito Federal. Em novembro, o livro é censurado e sua venda proibida pelo Ministério da Justiça.

Lança **Dentes ao sol** (romance) e **Cadeiras proibidas** (contos) e, em 1977, o livro infanto-juvenil **Cães danados**. Paralelamente, realiza importantes trabalhos como **Cuba de Fidel: viagem à ilha proibida** (livro-reportagem), após participar, em 1978, do júri do “Prêmio Casa de Las Américas”. **Zero** ganha nova vida ao ser liberado pela censura em 1979. Nova York, Flórida, Georgetown, Albuquerque, Tucson, San Diego foram as cidades em cujas universidades o autor fez conferências, em 1980, a convite da Fundação Fullbright, dos EUA. Em 1981, lança um de seus romances mais conhecidos: **Não verás país nenhum**. Em 1983, publica **Cabeças de segunda-feira** (contos) e, em 1984, lança **O verde violentou o muro**, sobre sua estadia na Alemanha. Em 1988, lança o volume de contos e crônicas **A rua de nomes no ar** e no ano seguinte, **Manifesto verde**. Em seguida, publica o álbum infanto-juvenil **O homem que espalhou o deserto**.

Loyola volta ao jornalismo em 1990 como diretor de redação da revista **Vogue** e passa a escrever, também, crônicas para o jornal **Folha da Tarde**. Em 1993, inicia sua participação como cronista no jornal “O Estado de São Paulo”, onde está até hoje. Em 1995, realiza três lançamentos: **O anjo do adeus** (romance), **Strip-tease de Gilda** (crônicas) e **O menino que não teve medo do medo** (infanto-juvenil). Publica **Veia bailarina** em 1997, relato de sua relação com o aneurisma que o acomete. Em 15 de abril lança no Instituto Moreira Salles de São Paulo, o número dedicado a ele da série **Cadernos da Literatura Brasileira**. Em 1998, publica **Sonhando com o demônio**, seu terceiro livro de crônicas. No ano seguinte, é lançado **O homem que odiava a segunda-feira** (contos). Em 2004, deixa a direção de

Vogue e passa para o Conselho da Carta Editorial. Publica sua primeira peça teatral, **A Última Viagem de Borges**, que tem por base referências ao escritor argentino Jorge Luis Borges. Em 2005 publica **O Segredo da Nuvem** e em 2006 lança suas “memórias inventadas”: **A Altura e a Largura do Nada**. Recebe o Prêmio Jabuti de “Melhor Livro de Contos”, em 2000, por **O homem que odiava a segunda-feira**, e, finalmente, tem seu nome inscrito entre os imortais no ano de 2007, quando é eleito para a cadeira 37 da Academia Paulista de Letras.